

Logradouros Atuais

JADER DE CASTRO BARBOSA, rua

(Vila Miralda) – Liga a rua Altemiro Rodrigues à avenida Jehu Pinto de Faria. Teve sua denominação oficial pela lei nº 1.203, de 04.08.77.

Jader foi comerciante no ramo de madeira, sitiante e trabalhou no transporte rodoviário de cargas. Residiu, durante muitos anos, nesta rua.

JAIRO SALGADO GAMA, parque e terminal rodoviário

O nome do Dr. Jairo é lembrado no parque do atual CEFET/Leopoldina, antiga Escola Parque e sede da Rádio Sirena, assim denominado pela lei nº 1.464, de 11.09.80 e no terminal rodoviário da cidade.



Ainda homenageando o Dr. Jairo, temos a lei nº 809, de 09.08.1972, que denominou praça de esportes Dr. Jairo Salgado Gama a atual praça de esportes desta cidade.

Outra lei, a de nº 946, de 17.10.1973, deu denominação de rua Dr. Jairo Salgado Gama ao trecho da rua Tiradentes que vai da Cotegipe à praça Gama Cerqueira. Mas, em 11.09.1980, pela lei nº 1.463, este ato foi revogado e o trecho voltou a incorporar-se à rua Tiradentes.

O Dr. Jairo Salgado Gama era filho de Luiz Salgado Gama e Virgínia Salgado Gama. Foi médico respeitado em Leopoldina. Como político exerceu os cargos de vice-prefeito e prefeito da cidade de 1954 a 1963. Faleceu em 24.07.1970.

Ver outras informações em “Clóvis Salgado Gama”.

JARDIM BANDEIRANTES, bairro

É a parte baixa do Cemitério. Ali, nas proximidades da rua Otto Lacerda França, foi construído o Estádio Municipal ou, campo do Esporte Clube Ribeiro Junqueira, quando o existente no centro da cidade cedeu lugar para a abertura da rua Sebastião Aparício Veiga.

Situado no ponto de encontro entre o ribeirão do Feijão Cru e o córrego Feijão Cru Pequeno, divisa com os bairros do Cemitério e João Paulo II. Abrange, dentre outras, as ruas Adauto Neto, Antonio Neto, João Malaquias, Júlio Carraro, Sidney Francino de São José e Otto Lacerda França, a avenida Rafael Gorrado e a praça Clóvis Salgado Gama.

JARDIM BELA VISTA, bairro

Fica no extremo sudoeste da área urbana, na divisa com o bairro Bela Vista de onde teve sua origem. Abrange as ruas Anderson Pereira Bella, Antonio do Vale Neto, Aristeu Lacerda de Moraes, Aristides Policiano da Silva, Daniel Smith, Edésio Siqueira, Geraldo Alves Ferreira, João Meneghite, José dos Santos Guimarães, Lourenço Gonçalves Nunes, Pacífico Rocha, Trajano Pires de Almeida e Vicente Basile.

Neste bairro foi colocada uma grande imagem do Cristo Redentor.

JARDIM CAIÇARA, bairro

Localizado em frente ao bairro São Luiz, no outro lado da BR-116, numa elevação que fica às margens da pista de acesso à balança do posto de fiscalização da Polícia Rodoviária Federal.

As ruas deste bairro ainda não tinham sido denominadas por ocasião da impressão do último mapa da cidade, publicado em 2000. Ainda hoje são poucas as construções ali existentes.

Ver, ainda, Caiçara, bairro.

JARDIM LISBOA, bairro

Este bairro fica entre as terras do Orfanato e o loteamento “Chico Bastos”. Divide-se com o bairro Praça da Bandeira pela avenida Getúlio Vargas. É geralmente conhecido como bairro dos médicos. Abrange as ruas Isaltina Rennó Guedes e João Ferreira Vargas.

JEHU PINTO DE FARIA, avenida

(Vila Miralda) – Começa na avenida Getúlio Vargas, onde termina a rua Gustavo Barbosa Miranda e segue até o bairro Caiçara, no entroncamento com a BR-116, onde está o posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal. É o antigo leito da Rio-Bahia, quando esta passava pela avenida Getúlio Vargas. Corta terrenos que pertencem ao Orfanato Lenita Junqueira. A denominação desta via pública ocorreu a partir da lei nº 1.721, de 21.02.85, de autoria dos vereadores Perseu Benatti e Nelito Barbosa Rodrigues.

Jehu Faria trabalhou na Gazeta de Leopoldina, comerciou no ramo de papelaria e foi presidente da Associação Comercial.

Nascido em 28.05.1895 e falecido em 16.10.1975, foi casado com Angelina Machado Faria. Destacou-se no comércio sendo representante da Argos Comércio e Indústria de Paraíba do Sul, lojas Meilas de Juiz Fora e H.D. Comércio e Representações de Muriaé.

JOÃO BATISTA ALVIM, PROFESSOR, rua

(Joaquim Furtado Pinto) – Liga a rua Eloi Nogueira Gomes à rua Paulo Sérgio Resende. Teve sua denominação oficializada pela lei nº 2017.

O professor João Batista lecionou durante muitos anos no Colégio Estadual Professor Botelho Reis. Foi chefe de gabinete do prefeito Jairo Salgado Gama. Era casado com a também professora Guilhermina Fajardo Alvim.

JOÃO BATISTA FERREIRA NETTO, rua

(Três Cruzes) – João era alfaiate na rua Cotegipe e ficou conhecido carinhosamente por “Cocoreco”. Era filho de D. Leopoldina e neto materno de Manoel Antônio de Almeida. Foi casado com Maria da Conceição Netto Baptista e desta união deixou os filhos Dylton Netto Baptista e Dionea Maria Netto Baptista.

Segundo consta João Batista foi um dos primeiros possuidores de automóveis da cidade. Gostava de praticar caça amadora, esporte que o levou a percorrer praticamente todos os estados do Brasil.

Ver Maria da Conceição Netto Batista.

JOÃO BELA, praça

(Ventania) – É a praça principal do bairro. Fica no início da rua Alan Kardeck. O nome desta praça surgiu com a lei nº 750, de 01.12.1970, que alterou a denominação do logradouro público que anteriormente era conhecido como “Alto da Ventania”.

Filho de Alfredo Augusto Pereira da Bella e Alexandrina, citado no verbete relativo ao seu irmão Getomir. João Bela trabalhou no DNER.

JOÃO BOTELHO, rua

(Caiçara) – Começa na rua Antonio Fernandes Valentim e termina no beco Alfredo Martins. Diz a lei nº 1959, de 10.03.88, que esta rua parte da rua Antônio Valentim vai terminar nos terrenos de propriedade dos familiares de João Botelho Falcão.

JOÃO DE ALMEIDA CRUZ, rua

(Esteves) – Começa na rua Dom Aristides, nas proximidades da mina das Tabocas. É geralmente conhecida como rua da Taboquinhas. A lei nº 576, de 25.10.1965, diz que passa a denominar-se rua João de Almeida Cruz a parte final da rua Dom Aristides, nesta cidade, que começa na praça onde existe uma mina no bairro Esteves e segue subindo o morro à direita.

João Cruz era construtor e mestre de obras respeitado.

JOÃO FERREIRA VARGAS, rua

(Jardim Lisboa) – Liga a avenida Getúlio Vargas à rua José A. Rentes Junqueira. É a rua principal do bairro e recebeu este nome pela lei nº 1176, de 05.04.77, do vereador Joarês Sílvio da Costa.

João Ferreira Vargas era leopoldinense, foi casado com Maria das Dores Lisboa Vargas e deixou grande descendência. Era carinhosamente conhecido por “João do Grupo”.

JOÃO GONÇALVES, rua

(Bela Vista) - É a via pública que inicia nas proximidades do nº 304 da rua Oldemar Montenari e vai findar no nº 197 da rua Antenor Ribeiro dos Reis. Foi nominada pela lei nº 3.324, de 29.11.2000.

JOÃO GOUVÊA, rua

(São Cristóvão) – Liga a rua Nilo Colono dos Santos à rua Dr. Clóvis Salgado Gama. Seu nome surgiu com a lei nº 1.293, de 22.09.78.

JOÃO GUALBERTO, rua

(Catedral) – Liga a praça Professor Ângelo à praça Dr. Ormeu Junqueira Botelho. É geralmente conhecida como rua do Sotero. Provavelmente foi o primeiro caminho entre o Rosário, onde iniciou a cidade e o bairro da Grama. Seu nome já consta na divisão da cidade em 1890.

Nota do livro nº 6, de atas da câmara, com data de 20.02.1872, fala na “abertura de uma estrada de 20 palmos de largura em roda do morro da Matriz, a começar no sobrado do cidadão João Gonçalves Netto”. Esta nota nos leva a crer tratar-se da abertura desta rua.

Barroso Júnior afirma que o alferes Bernardo José da Fonseca, proprietário da fazenda da Grama, comunicava-se com a população por um trilho que subia pela ladeira da matriz e vinha sair no largo da Grama. A fazenda possuía um moinho e até 1850 era nela que os moradores da vila trocavam fubá.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o nono quarteirão era formado pela rua capitão João Gualberto, largo Prof. Ângelo e rua da Boa Vista (atual João Neto) até encontrar a rua das Flores.

João Gualberto Ferreira Brito era filho de Joaquim Ferreira Brito, um dos fundadores de Leopoldina, e de Joana Maria de Macedo. Veio para Leopoldina em 1828, casado com Maria Venância de Almeida, filha de Manoel Antonio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. Viúvo por volta de 1840, aqui no Feijão Cru casou-se com Rita Tereza de Jesus, filha de João Gonçalves Neto e Mariana Flausina de Almeida, filha de Manoel Antônio de Almeida. Viúvo pela segunda vez contraiu núpcias com Joaquina Eucheria de São José por volta de 1855. Joaquina era também viúva de Manoel Tomaz Pereira de Almeida, sobrinho do mesmo Manoel Antônio de Almeida.

No primeiro documento sobre os moradores de Leopoldina de que se tem notícia, o Mapa de Habitantes de 1831, João Gualberto aparece como um dos grandes proprietários de escravos.

Como chefe político conservador teve papel de destaque por ocasião da Revolução de 1842. Conta Barroso Júnior que foi num edifício existente em frente ao Clube Leopoldina que João Gualberto "confabulou com os maiores do partido em defesa da legalidade". Tal edifício, já derrubado em 1934, serviu também como presídio para os liberais do Feijão Cru. Em 1872 foi incumbido de reunir voluntários para combater os liberais. Reuniu cerca de 600 homens que instruiu na sua fazenda da Fortaleza. A 10 de junho de 1876 foi condecorado com o título de Capitão Oficial da Ordem da Rosa.

João Gualberto foi vereador do distrito, substituindo o Dr. Antonio José Monteiro de Barros, quando ainda pertencíamos à vila de São Manoel do Pomba. Foi, também, vereador

em todas as legislaturas de 1855 a 1875. A 07.01.1861, ao tomar posse como vereador, seu nome é o primeiro da lista de eleitos. Na mesma data, assume o Cargo de Presidente da Câmara Municipal de Leopoldina, tendo atuado até 07.01.1865, quando tomou posse como 1º juiz de paz do distrito da Cidade.

Na Assembléia de 07.09.1868, para formação da mesa paroquial para eleições de juiz de paz e vereadores, não compareceu por encontrar-se adoentado. Enviou uma carta justificando a ausência, transcrita na folha 2 do livro 32. Mesmo ausente, recebeu 174 dos 1400 votos dados a 9 eleitores, na primeira fase da votação, sendo o mais votado. Na assembléia do dia 10.09.1868, recebeu apenas 8 dos 2.538 votos dados a 61 eleitores, ficando em 21º lugar. Nesse mesmo dia, na votação para escolha de 4 juizes de paz, recebeu 271 votos dos 1.124 dados a 29, tendo sido o primeiro colocado e, portanto, eleito 1º juiz de paz. Em 07.09.1872 foi um dos 11 eleitores escolhidos para formação da mesa paroquial. No dia seguinte, recebeu 159 dos 2.549 votos dados a 45 eleitores, ficando em 9º lugar. E, embora aparentemente não estivesse concorrendo ao cargo de juiz de paz, ainda assim recebeu um voto no pleito do dia seguinte, ficando em 16º lugar.

Pelo que pudemos observar no livro 32, de atas de eleição de juiz de paz e vereador em Leopoldina, período 1868 a 1872, João Gualberto era dos mais influentes membros do Partido Conservador. Por ocasião da qualificação de eleitores de 1873 é classificado entre os moradores de maior renda da cidade. Em 1875 aparece entre os fazendeiros de café de Leopoldina.

Segundo a publicação “Roteiro Turístico de Leopoldina”, João Gualberto residiu no prédio da atual Prefeitura.

Faleceu entre 1875 e 1880 deixando numerosa descendência de seus dois primeiros casamentos. O primeiro deles, com Maria Venância, o segundo com Rita Tereza de Jesus. Da sua terceira união, com Joaquina Eucheria de São José, não deixou filhos.

JOÃO JOSÉ MONTEIRO, rua

(Pirineus) – A lei nº 2.952, de 12.06.97, dá denominação à via pública que tem seu início na rua Cândido Ladeira e finda próximo à rua Leonor Bahia.

JOÃO LAMARCA, rua

(Centro) – Pela lei nº3.329, de 18.12.200, a via que parte da rua Dr. Custódio Junqueira e finda na rua José Peres, recebeu este nome. É o lado da praça Félix Martins onde está o Forum.

Nas pesquisas realizada foi encontrado um Giovanni Lamarca, casado com Rosalina Schettini, pais de Macario Lamarca nascido 03.12.1873 na comuna de Maratea, província de Potenza, região da Basilicata. Acreditamos que este casal são os ascendentes do pessoal que fundou o Hotel Lamarca. Macario declarou, em 1942, que era comerciante.

JOÃO LAU, CORONEL, rua

(Joaquim Custódio Guimarães) – Liga a rua Alan Kardeck à praça Júlio Barbosa. A lei nº 1999, de 15.09.88, diz ser esta via o principal acesso entre os bairros Joaquim Custódio Guimarães e Quinta Residência. João Lau era ruralista conceituado na cidade.

JOÃO MALAQUIAS, rua

(Jardim Bandeirantes) – Liga a rua Otto Lacerda França à rua Sidney Francino de São José. Recebeu este nome pela lei nº 1.472, de 10.10.80, de autoria do vereador Wilson José Valentim.

João Malaquias foi pioneiro na ocupação do bairro onde está a rua que o homenageia. Ali residiu durante muitos anos. Era casado com Maria de Lurdes Malaquias com quem teve onze filhos.

JOÃO MENEGHITE, rua

(Jardim Bela Vista) – Esta rua recebeu seu nome oficial pela lei nº 3.290, de 23.08.2000. Ela tem seu início av. dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bela.

João Meneghite foi construtor, empreiteiro e mestre de obras respeitado. Era pai de Luiz Otávio, responsável pela Gazeta de Leopoldina.

Ver mais sobre a família, em Carlos Luz Meneghite.

JOÃO NETO, rua

(Centro) - No passado esta rua era conhecida como Boa Vista. Começa no início da rua das Flores e termina na praça Professor Ângelo. É a subida para o Grupo Novo, caminho que o menino vindo do bairro da Onça trilhava para aprender as primeiras letras. Ali ficavam as vendas do Elias Veiga, do Lingordo, o botequim dos irmãos José e João Rodrigues de Andrade e a sapataria do Renato. Na esquina com a rua das Flores, em frente ao armazém do Joaquim Garcia de Oliveira, ficava o cavalo, aguardando o final da aula e o retorno ao sítio Puris (Onça).

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890 diz que o oitavo quarteirão era formado pela rua das Flores até a rua da Boa Vista e por esta, atravessava a ponte até o Alto da Ventania.

Consta que este João Neto seria, em verdade, João Gonçalves Neto, bisavô de Olyntho Gonçalves Netto, também nome de rua na cidade.

João Gonçalves Neto era genro de Manoel Antônio de Almeida, casado com Mariana Flauzina de Almeida. Já estava no Feijão Cru por volta de 1828 e aqui nasceram seus filhos: Rita Tereza de Jesus segunda esposa de João Gualberto Ferreira Brito, Ana e Mariana nascida e falecidas entre 1838 e 1843, Francisco Gonçalves Neto c/c Joaquina Eucheria de Almeida, Zeferina de Jesus c/c João Gualberto Damasceno Ferreira Brito (filho do primeiro casamento do João Gualberto Ferreira Brito), Joaquim Eleotério Gonçalves Neto c/c Maria Presceliana de Sena, João Izidoro Gonçalves Neto c/c Cristina Vargas Corrêa e 2ª vez com Ambrosina Martins de Carvalho, Maria Teodora Neto c/c Antônio Ferreira Neto, e Pedro Gonçalves Neto c/c Maximiana Ferreira de Almeida e 2ª vez com Ana Esméria de Almeida a 04.09.1882.

João Gonçalves Neto transferiu-se para o Feijão Cru junto com seu sogro e demais familiares, tendo formado a fazenda Residência. Em 1859 foi eleito 3º juiz de paz, em 1862 foi eleito vereador, em 1865 foi reeleito vereador, em 1868 foi eleito 4º juiz de paz.

JOÃO PAULINO BARBOSA, rua

(São Cristóvão) – Liga as ruas Dário Lopes Faria e Carlos Schettino. A lei nº 1.317, de 14.12.78, dá denominação de rua, a que no mapa do loteamento do referido bairro, encontra-se identificada como rua nº 15.

Nascido por volta de 1840, João Paulino era filho de Feliciano José Barbosa e Luiza Maria de Jesus. Casou-se com Ana Joaquina de Jesus. Foi proprietário rural em Tebas, na divisa com o município de Argirita e o distrito de Piacatuba.

Seu pai nasceu em Queluz, filho de Antonio José Barbosa e Ana Camila. Sua mãe era filha de Domingos Gonçalves Corrêa e Mariana Angélica de São José. Feliciano e Luiza casaram-se em Queluz no dia 17 de fevereiro de 1819 e ali residiram até 1847. Transferiu-se para o Rio Pardo, atual Argirita no final da década de 40 dos oitocentos, tendo adquirido terras ao sul da atual área urbana daquele município, localidade então conhecida por Tijucal.

João Paulino e Ana Joaquina deixaram grande descendência. Seu filho Emigdio Carlos Barbosa, foi casado com Eliza Carolina de Oliveira, filha de Justino Marques de Oliveira e Maria Antonia de Almeida; Abílio José Barbosa, casou-se Dulcimira Teresa de Resende Montes, filha de José de Resende Montes e Teresa Joaquina de Jesus; Olívio José Barbosa era casado com Umbelina Amaro de Moraes, filha de Alfredo César Vieira da Silva e Balbina Augusta, por esta neta de José Vital de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo; Belizário José Barbosa foi casado com Zeneida Keb Kab; e, Feliciano José Barbosa, neto, casado com Nelsina Augusto Rodrigues, filha de Paulino Augusto Rodrigues e Umbelina Cândida Gouvêa, neta e bisneta dos mesmos José Vital de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo acima citados.

JOÃO PAULO I, rua

(Centro) – É uma rua sem saída, que começa na rua Joaquim Garcia de Oliveira e segue em direção ao bairro Lino Gonçalves.

Seu nome surgiu com a lei nº 1.328, de 14.12.78, de autoria do vereador Ely Rodrigues Netto.

Albino Luciani nasceu a 17.10.1912 em Canale D'Agordo, provincia de Belluno, região do Veneto, Italia. Sua família viveu um período na Suíça de onde Albino Luciani voltou à Itália para trabalhar numa fábrica de vidro artístico em uma ilha de Venezia. Ordenado sacerdote em 1935, em Belluno, nos dois anos seguintes cursou Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Retornou à terra natal onde foi nomeado Vigário Geral em 1954. Em 1969 foi nomeado

Patriarca de Venezia e em 1973 torna-se Cardeal. Eleito Papa em Agosto de 1978, seu papado durou apenas 33 dias e sua inesperada morte deixou estarecida a comunidade católica mundial. Seria o sucessor de Paulo VI, pontificado que de fato foi substituído pela atuação do Papa seguinte, João Paulo II.

JOÃO PAULO II, bairro

É um dos bairros vizinhos do bairro Joaquim Custódio Guimarães. Nele está localizado o CAIC, nos fundos da Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina. Abrange as ruas Heitor Ribeiro Guedes, Irmã Gabriela, Lourenço Iennaco.

É o único caso de homenagem a uma pessoa viva.

Karol Josef Wojtyla nasceu em Wadowice, a 50 km da Cracóvia, Polônia, no dia 18 de maio de 1920. Inscreveu-se na Universidade de Cracóvia em 1938 onde permaneceu por pouco tempo em virtude de as forças de ocupação nazista terem fechado a Universidade em 1939. No período seguinte o jovem Karol trabalhou numa indústria química. Em 1942 entrou para o seminário e ordenou-se sacerdote em 1946 em Cracóvia. Doutorou-se em Teologia em 1948, em Roma e retornou à Polônia. Nomeado Bispo em 1958, Arcebispo em 1964 e Cardeal em 1967. Foi eleito sucessor de João Paulo I em 16.10.1978.

JOÃO RABELO TAVARES, beco

(Seminário) – A lei nº 2330, de 27.08.91, dá nome a esta via pública e informa que ela tem seu início na rua Padre José Domingues Gomes e finda próximo ao nº 70.

JOÃO RODRIGUES DE ANDRADE, rua

(Fábrica) – Diz a lei nº 2172, de 08.02.90, que lhe deu esta denominação, que é a via pública transversal à rua Antônio Salomão, que segue até o Córrego Feijão Cru.

João Rodrigues foi comerciante, fiscal da prefeitura e vereador. Era filho de Manoel Rodrigues de Moraes e Izaura Machado de Gouvêa. Faleceu em Joinville (SC), onde passou a residir no final da sua vida.

João era neto paterno de Manoel de Andrade Neto, filho de Manoel Andrade Oliveira e Rita Tereza de Jesus e de Ignácia Virgínia da Conceição, filha de João Rodrigues da Silva e Mariana Custódia de Moraes. Neto materno de José Vital de Oliveira e Mariana Custódia de Moraes, sendo que esta era neta da homônima acima citada. José Vital de Oliveira era filho de Luiz José Gonzaga de Gouvêa e Maria Carolina de Moraes.

JOÃO SAMUEL, rua

(Gramma) – A lei nº 1.465, de 11.09.80, projeto do vereador Francisco Mendonça Gama, informa que é a via pública que, partindo da rua Manoel Lobato, vai até o córrego que passa nos fundos do terreno da família Samuel.

João Samuel nasceu em Cantagalo (RJ), em 1870. Iniciou sua atividade como industrial de cerveja em Cataguases. Casou-se com Henriqueta de Oliveira, descendente de tradicional família da cidade de Dona Euzébia (MG).

O coronel João Samuel veio para Leopoldina em 1900, onde exerceu a atividade de representante comercial. Aqui viveu até 1942, numa chácara na rua Manoel Lobato, em cujas terras foi aberta e rua que recebe o seu nome.

JOÃO TEIXEIRA DE MOURA GUIMARÃES, rua

(Bela Vista) – Começa na praça José Pires, no início do bairro e termina na rua Joaquim Guimarães. A lei nº 886, de 15.05.1973, diz que passa a denominar-se rua João Teixeira de Moura Guimarães a via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua E.

Moura Guimarães era farmacêutico, proprietário da farmácia São Sebastião, em Leopoldina e, quando requisitado, funcionava como auxiliar médico em grandes cirurgias realizadas na Casa de Caridade.

JOÃO VICENTE LOCHA, rua

(Pinguda) – O nome desta rua surgiu com a lei nº 1.513, de 06.08.81. Informa o texto legal que esta via pública parte da rua Gentil Pacheco de Mello, vai em direção a antiga caixa d'água da ex – Cia Fiação e Tecidos de Leopoldina.

Filho de João Locha e Maria da Conceição Melo Pacheco, neto do Gentil Pacheco já mencionado.

JOÃO XXIII, praça

(Centro) - Antiga praça Recreio. A lei nº 483, de 26.07.1963, dá nome de praça João XXIII à praça Recreio. É a parte compreendida pelo antigo triângulo de manobra da linha férrea, no centro da cidade.

Entre esta praça e a General Osório erguia-se a estação ferroviária que, segundo Barroso Júnior, foi construída em terrenos da fazenda Desengano, doados por D. Maria do Carmo Monteiro de Barros.



Angelo Giuseppe, o papa João XXIII, nasceu a 25.11.1881 em Sotto il Monte, província de Bergamo, região da Lombardia, Italia. Ordenou-se em 1897 e em 1953 foi nomeado Cardeal. Eleito papa a 28.10.1858, faleceu 03.06.1963.

JOAQUIM CÂNDIDO FIGUEIREDO, rua

(Três Cruzes) – O projeto de lei nº 50/82, de 08.11.82, que se transformou na lei nº 1586, de autoria dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Antonio Carlos de Almeida, dispõe sobre a denominação desta rua.

Informa a justificativa deste projeto que o homenageado foi pessoa muito querida, servidor, amigo de todos, humilde, chefe de família numerosa e admirada no bairro.

JOAQUIM CÂNDIDO RIBEIRO JUNQUEIRA, rua

(Praça da Bandeira) - A lei nº 943, de 17.10.1973, deu denominação de rua Dr. Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira à via pública que forma a segunda paralela à rua Marechal Deodoro, no bairro Lino Gonçalves.



Joaquim Junqueira era um dos sócios do Banco Ribeiro Junqueira. Foi casado com Laura Lustosa Junqueira e residiu na rua Custódio Junqueira.

JOAQUIM CUSTÓDIO GUIMARÃES, bairro e rua

Bairro – A lei nº 1992, de 04.08.1988, dá denominação de Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Guimarães, implantado entre o bairro Quinta Residência e Dr. Joaquim Furtado Pinto, de frente

para a Rodovia BR 116. Atualmente chama-se simplesmente bairro Dr. Joaquim Guimarães, cuja localização mais exata é a confluência dos bairros João Paulo II, Artur Leão, Joaquim Furtado Pinto e Eldorado. Abrange as ruas Elias Abrahim, Elói Nogueira Gomes, José Pedro, Néelson Monteiro, Paulo Sérgio Resende e a praça Júlio Barbosa.

Rua – Fica no bairro Bela Vista e é uma continuação da rua João Teixeira de Moura Guimarães, segundo o mapa da prefeitura, publicado em 2000.

Dr. Joaquim C. Guimarães nasceu em Leopoldina no dia 21 de dezembro de 1912, filho de Martinho de Campos Guimarães e Ercília Furtado. Homônimo de seu avô paterno. Era farmacêutico, político, jornalista (Jornal Ilustração) e proprietário do laboratório farmacêutico Instituto Martinho Guimarães. Escreveu, dentre outros, o livro “Uma certa rua Cotegipe”. Foi sócio fundador do Rotary Club de Leopoldina em 1943 e proprietário da Farmácia Moderna, na rua Cotegipe.

JOAQUIM FERREIRA BRITO, rua



(Rosário) – Começa na praça do Rosário e termina no bairro Cemitério. O nome atual desta rua surgiu com a lei nº 437, de 25.07.1962. Antes era conhecida como Riachuelo. Boa parte das casas antigas desta rua pertenceram a Paulino Augusto Rodrigues. Ali, também, ficava a chácara do Olympio Machado.

Barroso Júnior se refere a Joaquim Ferreira Brito dizendo ser ele o proprietário da fazenda da Cachoeira e um dos primeiros doadores de terras para a formação do povoado.

Nascido no dia 7 de abril de 1772 em Aiuruoca, Joaquim era filho do português Manoel Ferreira Brito, natural de São João de Brito, Comarca de Guimarães, Arcebispado de Braga, Portugal. Seu pai adotou o último sobrenome do lugar onde nasceu. Era filho de Manoel Ferreira e Custódia Luiza. A mãe de Joaquim, Maria Teresa de Jesus, era natural de São João del Rei, filha de Antonio do Vale Ribeiro e Rosa Maria de Jesus, com ascendência em tradicionais famílias mineiras e paulistas.

Foi o doador das terras onde se ergueu a Casa do Rosário, local hoje ocupado pela igreja do mesmo nome. Sabe-se, também, que fez pelo menos duas doações de terras para o patrimônio. A primeira delas, em 01.06.1831 e a segunda, em 20 de novembro do mesmo ano.

Joaquim Ferreira Brito casou-se a primeira vez com Catarina Esméria de Sena, filha de Bento Ribeiro Salgado e Angela Ferreira Soares. Casou-se uma segunda vez, a 19.02.1804 em Santana do Garambeo, MG, com Joana Maria de Macedo, filha de José Rabelo de Macedo e Maria de Carvalho Duarte. Sua segunda esposa descendia, por parte materna, de antigos imigrantes das ilhas atlânticas portuguesas, mais especificamente da ilhoa Antônia da Graça, da Ilha do Faial. O casal vivia na região da Serra da Ibitipoca e a família estava profundamente ligada aos Almeidas e aos Gonçalves Neto quando vieram para o Feijão Cru. Em 1831 Joaquim Ferreira Brito estava entre os maiores proprietários de escravos que aqui viviam. Formou a fazenda da Cachoeira onde viveu até o fim de sua vida. Após sua morte uma parte de suas terras foi comprada por Manoel José Monteiro de Barros. Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria de Macedo deixaram grande descendência. Entre seus filhos, destaca-se João Gualberto Ferreira Brito, também nome de rua na cidade.

JOAQUIM FURTADO MENEZES, rua

(Esteves) – A lei nº 1103, de 20.11.75, dá denominação de rua, à via pública sem denominação oficial que partindo da rua professor Gustavo Monteiro de Castro, nas imediações da praça Alípio Assunção, vai até ao portão de acesso à Escola Estadual “Sebastião Silva Coutinho”.

Escritor e colaborador de diversos jornais da região, Joaquim F. Menezes foi dirigente regional dos Vicentinos.

JOAQUIM FURTADO PINTO, DOUTOR, bairro

Este bairro é também conhecido como COHAB-NOVA. Fica nas proximidades da Quinta Residência, nas terras da antiga chácara do Aprendizado, entre os bairros Joaquim Guimarães e Quinta Residência. Abrange as ruas Alonso Nogueira, Aracy César, Didi Ramos, Francisco de Souza Lima, Manoel de Almeida Lacerda, Wilson Valentim e a avenida Tancredo Neves.

Quanto ao homenageado pode-se dizer que foi um dos médicos mais queridos da cidade. Seu consultório era quase um ponto de referência na rua Cotegipe, tal a quantidade de gente que sempre o procurava. Foi diretor do Asilo Santo Antonio e prefeito municipal no período de 1963 a 1966. Na sua administração a cidade recebeu uma agência do DNOS e realizou a primeira etapa do abastecimento de água tratada, a partir da barragem do rio Pirapetinga. Possuía uma propriedade rural no bairro da Boa Sorte.

JOAQUIM GARCIA DE OLIVEIRA, rua

(Centro) – É a lei nº 1.307, de 06.10.78, que dá denominação de rua ao trecho da rua João Neto que parte da rua das Flores até a ponte existente na mesma rua.

Joaquim de Oliveira começou no comércio trabalhando no armazém de Américo Lacerda, na esquina da rua Tiradentes com a praça Gama Cerqueira. Posteriormente abriu o seu próprio negócio na esquina da rua das Flores com a que hoje recebe o seu nome.

JOAQUIM GUEDES MACHADO, PROFESSOR, rua

(Mina de Ouro) – Começa na praça Botelho Reis e termina na rua das Flores. É a antiga rua Três de Junho, acrescida da travessa Feijão Cru. Nela funcionou o antigo Tiro de Guerra (TG-98). Foi a lei nº 1028, de 11.06.1974, que alterou a denominação de Três de Junho para rua Professor Joaquim Guedes Machado.

Joaquim de Souza Guedes Cardoso Menezes Machado, o professor Machado, nasceu no dia 14 de setembro de 1891 no Porto, Portugal e faleceu em Leopoldina no dia 28 de maio 1974. Transferiu-se para o Brasil por conta da perseguição exercida em Portugal contra os descendentes da nobreza, já que era quarto neto do Visconde de Balsemão, Luis Pinto de Souza Coutinho e da Viscondessa Catarina Micaela de Sousa César de Lencastre. Era engenheiro geógrafo e no Brasil cursou também a faculdade de Direito. Trabalhou em agência do Banco Ultramarino Português no Rio de Janeiro e posteriormente transferiu-se para Carangola, onde foi calculista em obra de construção de uma usina. No dia 29 de dezembro de 1917 comprou de Vespasiano Leopoldino de Souza o Ginásio Carangolense, instituição onde lecionava desde a sua fundação em 1914. Transferiu-se para Leopoldina e lecionou matemática durante muitos anos no Ginásio Leopoldinense e no Colégio Estadual Professor Botelho Reis.

Casou-se a primeira vez com Laura Lambert com quem teve os filhos: Luís, Fernando, Joaquim, Aristides e Cecília e, em segundas núpcias com a professora Judith Lintz, filha de José Martiniano Barroso Lintz também homenageado em logradouro, com quem teve as filhas: Terezinha e Maria Aparecida Lintz Machado.

Ver mais sobre a família em José Lintz e, sobre a rua, em Feijão Cru, em Antigos Logradouros.

JOAQUIM GUIMARÃES, rua

Ver Joaquim Custódio Guimarães.

JOAQUIM MURTINHO, rua

(Praça da Bandeira) - Começa na praça Zequinha Reis e termina na avenida Getúlio Vargas. A lei nº 37, de 05.11.1948, foi a que deu esta denominação à rua. Diz o texto legal que “a rua Joaquim Murtinho parte da praça da Bandeira em direção à Rio-Bahia, onde estão construindo os prédios dos senhores Artur Nogueira Filho e Antônio de Paula Barros.

Joaquim Murtinho nasceu em Cuiabá (MT), em 07.12.1848 e faleceu em 19.11.1911, no Rio de Janeiro. Segundo a Gazeta de Leopoldina, de 21.11.1911, Joaquim Murtinho era intelectual, engenheiro, médico, professor da Escola Politecnica, ainda no tempo em que era chamada Escola Central. Destacou-se como parlamentar sempre ouvido por todos. Exerceu o cargo de vice-presidente do senado. Sua maior obra foi como ministro da fazenda de Campos Salles, onde elevou e firmou as finanças nacionais. Trabalhou, também, com o presidente Prudente de Moraes e morreu como senador da República.

JOAQUIM PEREIRA DE OLIVEIRA, rua

(Bela Vista) – Liga a rua João Teixeira de Moura Guimarães à rua Manoel Monteiro. O texto da lei nº 910, de 04.07.1973, dá denominação de rua Joaquim Pereira Oliveira à via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua X.

Quinca Pereira foi comerciante e fazendeiro na Vargem Linda e em Leopoldina, na praça Gama Cerqueira. Era filho de Manuel Pereira Valverde Filho e Anastácia Carolina de Oliveira. Seus avós paternos foram Manoel Pereira Valverde e Ana Joaquina de Jesus. Faziam parte da grande família conhecida em Piacatuba como “Valo Verde” em meados dos oitocentos. Manoel era proprietário da fazenda Santa Maria, na estrada que ligava Tebas a Piacatuba, região hoje conhecida como “Valverdes”. Era filho de João Pereira Valverde, pioneiro na ocupação de terras ao sul do município de Leopoldina.

JOAQUIM PIRES BARBOSA, rua

(Fátima) – A denominação surgiu com a lei nº 1.683, consequência de um projeto do vereador Darcy Luiz V. Rezende, dando a denominação de Joaquim Pires Barbosa à via Pública que liga as ruas José Antônio Lamóglia à Optato Lacerda França.

Joaquim nasceu e sempre residiu em Leopoldina. Deixou numerosa família e muitos de seus descendentes ainda residem nas proximidades da rua que recebeu o seu nome.

JOB FIGUEIREDO, rua

(Fábrica) - Liga a rua Jonas Bastos à rua Dr. Antonio de Oliveira Guimarães. Seu nome surgiu com a lei nº 1.514, de 06.08.81.

Job Figueiredo, segundo Kléber Pinto de Almeida, em “Leopoldina de todos os tempos, 2002”, p. 71, era natural de Três Pontas (MG), foi chefe do serviço de patrimônio, água e esgoto da prefeitura de Leopoldina, o que é confirmado por Mário de Freitas, em “Leopoldina do Meu Tempo”. Era casado com Dulce Almeida Figueiredo, irmã de Kléber e professora do grupo escolar Ribeiro Junqueira. Ainda conforme o mesmo autor, coube aos irmãos Joaquim, José e Job Figueiredo, o primeiro sistema de abastecimento d’água e esgoto da cidade, construído na administração municipal de Carlos Coimbra da Luz.

JONAS BASTOS, rua

(Fátima) – Começa na avenida Getúlio Vargas e termina na rua Gentil Pacheco de Melo.

Jonas de Bastos de Faria Freire presidiu a câmara municipal de 1910 a 1912. Segundo membro da família, Jonas Bastos era tio do ex-prefeito Francisco Barreto de Faria Freire e filho de um outro Jonas.

Ver mais sobre a família em Álvaro Bastos Faria Freire, Durval Bastos, Durval Bastos de Faria Freire e Francisco de Andrade Bastos.

JONES ROCHA, rua

(Eldorado) – Pelo mapa da prefeitura, editado em 2000, esta rua começa na rua Manoel Rodrigues Pandeló. A lei nº 2580, de 22.12.93, diz que ela tem seu início na rua São Paulo e finda na divisa do loteamento do sr. Machado.

JOSÉ ANTONIO LAMÓGLIA, rua

(Fátima) – Começa na rua Farmacêutico Durval Bastos e termina próximo ao córrego Feijão Cru. A lei nº 891, de 15.05.1973, deu “denominação de rua José Antônio Lamóglia à via pública no bairro de Fátima que é a primeira paralela à av. Getúlio Vargas pelo lado esquerdo.”

José Antonio Lamóglia era comerciante no ramo de açougue.

A respeito do sobrenome Lammoglia, ver rua Antonio Lammoglia.

JOSÉ ARAGON PINHEIRO, rua

(Bela Vista) – Liga a rua Antenor Ribeiro dos Reis à rua Haroldo Maranhã.

O nome desta rua surgiu a partir da lei nº 887, de 15.05.1973, que deu “denominação de rua José Aragon Pinheiro à via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua Y.”

José Aragon nasceu 01.10.1916 em Sumidouro, RJ, filho de José de Aquino Pinheiro e de Sebastiana Aragon Pinheiro. Veio para Leopoldina em 1948 quando comprou a padaria Brasil, na Rua Tiradentes, ficando neste comércio até a data de sua morte. Foi casado com Edith Silva Pinheiro com quem teve os filhos Gilberto, Mariluci e Mário José Silva Pinheiro. Participou da diretoria do Clube Palácio do Comércio (Associação Comercial). Faleceu em Leopoldina a 17.06.1973.

JOSÉ ARANTES JUNQUEIRA, rua

(Chico Bastos) – Começa na avenida Getúlio Vargas e termina na rua José R. Junqueira.

JOSÉ ARRUDA, bairro

É um bairro novo e abrange, dentre outras, as ruas Carmita Monteiro e Odete da Silva.

José Arruda era natural de Recreio, comerciante e ruralista, residia na praça Gama Cerqueira e foi proprietário de grande parte das terras onde estão os bairros Dona Euzébia, Cemitério, Maria Guimarães França e o que recebe o seu nome. Nos terrenos doados pela família, está instalada a UNIPAC.

JOSÉ BASTOS FARIA FREIRE, DOUTOR, praça

(Bela Vista) – Dr. José Bastos de Faria Freire foi um médico muito respeitado e querido pelos conterrâneos. Era filho do fazendeiro Durval Bastos e pai do ex-prefeito Dr. Márcio Cunha Freire.

Dr. José Bastos era casado com D. Irecê Cunha Freire, também nome de rua da cidade.

Ver mais sobre a família em Álvaro Bastos Faria Freire, Durval Bastos, Durval Bastos de Faria Freire e Francisco de Andrade Bastos.

JOSÉ CAMILO FERREIRA, rua

(Caçara) – Liga a rua Antonio Fernandes Valentim à avenida Jehu Pinto de Faria. Foi a lei nº 1.684, projeto do vereador Darcy Luiz V. Rezende que a denominou.

José Camilo Ferreira, popularmente conhecido como Zé Lourinho, nasceu em 22.12.1922, em Leopoldina, filho de Louriano Camilo Ferreira e Augusta Porcina de Jesus. Casou-se com Maria Sebastiana de Jesus, nascendo desta união 13 filhos.

JOSÉ CARLOS LOPES, rua

(Redentor) – Começa na rua Getomir Pereira Bella. Foi a lei nº 1.666, de 11.05.84, de autoria do vereador Darcy Luiz V. Rezende, que lhe deu esta denominação.

José Carlos Lopes era filho de Leopoldina e aqui viveu durante toda a sua vida. Criou numerosa família e muitos de seus descendentes permanecem residindo nas proximidades da rua que recebe o seu nome.

JOSÉ DA SILVA COUTINHO, travessa

Ver José Maurício Coutinho.

JOSÉ DE SOUZA LIMA, rua

(Bela Vista) – Contorna o Ginásio Poliesportivo. O nome desta rua surgiu com a lei nº 889, de 15.05.1973 que deu a denominação de rua José de Souza Lima à via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua N.

Foi comerciante e proprietário da fazenda da Ressaca. Era natural de Itamarati de Minas.

JOSÉ DOMINGUES GOMES, PADRE, rua

(Arthur Leão) – Começa na rua Conceição Soares Monteiro de Castro e termina no beco João Rabelo Tavares. A lei nº 897, de 15.05.1973, deu denominação de Padre Domingues Gomes à via pública que começa na praça indo em direção ao bairro Seminário, no entroncamento das ruas Heitor Ribeiro Guedes, Wilson Valentim e Eloy Gomes.

O padre José Domingues nasceu no dia 27 de outubro de 1900, em Rio Casca, MG, filho de João Caetano Domingues e Mariana. Ordenou-se em Mariana a 15 de agosto de 1924. Veio para Leopoldina em 1931, aqui permanecendo até 1949, quando foi transferido para Raul Soares, MG, onde faleceu de acidente automobilístico no dia 21 de abril de 1955. Chegou a ser monsenhor e comissário do bispado. Foi o diretor do Ginásio Leopoldinense que antecedeu ao Monsenhor Guilherme de Oliveira.

JOSÉ DOS SANTOS GUIMARÃES, DOUTOR, rua

(Jardim Bela Vista) – A denominação desta rua surgiu com a lei nº 3.308, de 15.09.2000. No mapa do loteamento ela encontra-se identificada como rua 05, tem seu início na av. dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bella.

José Guimarães era dentista e durante muito tempo trabalhou no Posto de Saúde. É pai do Dr. Orlando Codo Guimarães.

JOSÉ EUGÊNIO DUTRA, rua

(São Cristóvão) – Esta rua fica nas proximidades da praça Juscelino Kubitschek de Oliveira. Era geralmente conhecido como “beco da av. Clóvis Salgado”. Seu nome surgiu com a lei nº 1.542, de 12.02.82.

Segundo a justificativa do projeto de lei de autoria do vereador Ely Rodrigues Netto, o nome desta rua surgiu por solicitação dos seus moradores que desejavam homenagear este homem que, além de ter sido um dos patronos da idéia de colocar o nome de São Cristóvão no bairro, sempre se dedicou a lutar pelos trabalhadores em geral e, em particular, pelos companheiros do sindicato dos motoristas.

José Eugênio Montes Dutra foi um dos fundadores do sindicato dos motoristas de Leopoldina. Era casado com Milce, filha de Murilo Rodrigues Pinto, também homenageado em rua da cidade.

JOSÉ EVANGELISTA GUEDES, rua

(Pedro Brito Netto) – No mapa do loteamento do bairro ela consta como rua B, tem seu início na rua Luiz Torres Barcelos e finda na rua Ângelo Coli. Foi a lei nº 2863, de 22.08.96, que lhe deu este nome.

JOSÉ FRANZONE, rua

(Vale do Sol) – A lei nº 3.390, de 26.12.2001, deu esta denominação à via pública que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua I.

José Franzone nasceu em 17.02.1903, em Leopoldina. Era filho de Luigi Franzoni e Emilia Filoti, procedentes da comuna de Candia, província de Torino, região do Piemonte, Itália. A família passou ao Brasil em 1895 e radicou-se inicialmente em Recreio, contratados por Teófilo Barbosa. Posteriormente residiram em Abaíba, onde nasceu sua irmã Hercília. Os irmãos mais velhos Cecília, Fiorenzo e Maria nasceram na Itália. Foi chefe do escritório da Cia Força e Luz na cidade.

JOSÉ GOMES DOMINGUES, DOUTOR, rua

(São Cristóvão) – Tem seu início na rua Nilo Colono dos Santos e finda na av. Agnelo Correa do Bem. A lei nº 1.262, de 13.06.78, dá denominação de avenida José Gomes Domingues à via pública localizada na margem direita do bairro Bela Vista e que no mapa do loteamento aprovado encontra-se identificada como “rua 14”.

Dr. José Domingues era filho do comerciante Raphael Domingues e de Idalina Gomes, ambos homenageados em logradouros. Formou-se em advocacia e foi delegado de polícia na cidade. Posteriormente ingressou na vida política sendo eleito deputado estadual (em 1966). Em seguida, foi escolhido secretário de administração do estado de Minas Gerais, no governo de Rondon Pacheco.

Segundo a publicação “Roteiro Turístico de Leopoldina”, o prédio do Forum, construído em 1906 na praça Félix Martins, também recebeu o nome do Dr. José Gomes Domingues.

JOSÉ LINTZ, PROFESSOR, rua

(Mina de Ouro) – Começa na rua Professor Joaquim Guedes Machado, antiga Três de Junho e termina na praça João Bella, no alto da Ventania.

A lei nº 481, de 28.05.1963 deu nome de rua Professor José Lintz à via pública, sem denominação, que liga a rua Três de Junho à vila Gilda, nesta cidade, o que a confunde com parte da rua São Pedro.

Posteriormente a lei nº 648, de 25/07/68, corrigiu a falha e confirmou que a rua Professor José Lintz, é a via pública, sem denominação oficial, que partindo da rua Três de Junho vai até o Alto da Ventania.

José Martiniano Barroso Lintz nasceu em 18 de julho de 1870 em Aiuruoca, MG e faleceu a 15 de julho de 1923 em Leopoldina, MG. Filho de Martiniano de Souza Lintz e Francisca de Souza Barroso. Segundo sua neta Maria Aparecida Lintz Machado, "Foi compositor, professor e Diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, após a morte do poeta Augusto dos Anjos. Foi casado com Inácia de Souza, filha de Manoel Ferreira da Silva e Maria Vitória de Souza. Seus filhos: Benedito, José, Sebastião, Graziela, Agripina, Maria, Judith, Alaíde e Calíope, fundadores do já extinto e tradicional Colégio São José."

Sua filha Judith Lintz, nascida em 1898 e falecida 9 de março de 1990, lecionou durante muitos anos no Colégio Estadual Professor Botelho Reis (Ginásio) e foi casada com o também professor Joaquim Guedes Machado.

Seu pai, Martiniano de Souza Lintz, nasceu por volta de 1839, filho de Justino Aureliano de Souza e Sebastiana Cunha Carvalho. Segundo literatura, era de origem inglesa, o que não se comprovou até agora. Provavelmente viveu na região de Catas Altas do Mato Dentro, Santa Bárbara e Barão de Cocais. A história da família confunde-se com o período da mineração em que empresas inglesas passaram a explorar a cata e exportação do metal. Entre 1892 e 1900 aparece como advogado em Leopoldina.

Francisca de Souza Barroso era filha de José Gonçalves Barroso e Ana de Souza Lima.

Sabe-se que Justino Aureliano de Souza é de família tradicional da região de Aiuruoca, da serra da Ibitipoca e que sua esposa Sebastiana Cunha Carvalho era da família do Barão de Cocais.

Francisca de Souza Barroso, por sua vez, é filha de José Gonçalves Barroso e Ana de Souza Lima.

JOSÉ MARAZZI, rua

(Redentor) – A lei nº 2915, 18.12.96, dá a denominação de rua José Marazzi à via pública do município de Leopoldina que no mapa do loteamento do bairro encontra-se identificada como rua C.

(Imperador) - Curiosamente a lei nº 3.374, de 12.09.2001, também dá o mesmo nome para a via pública que, no loteamento do bairro Imperador, encontra-se identificada como avenida nº 1

JOSÉ MAURÍCIO COUTINHO, travessa

(Rosário) – Liga a rua Dr. Ormeu Junqueira Botelho à rua Joaquim Ferreira Brito. Antiga travessa São Vicente de Paulo, que também recebeu o nome de Ranulfo Matola, segundo consta da lei nº 799, de 27.04.72.

Curiosamente existem duas leis que, aparentemente, dão nome a uma mesma via. A primeira delas, a lei nº 683, de 16.04.1969, dá denominação a uma via pública na cidade e diz que “fica denominada travessa São Vicente de Paulo a via pública que liga a rua Joaquim Ferreira Brito à nova rua aberta na chácara D. Euzébia”. A lei é a de nº 799, de 27.04.1972, diz “passar denominar-se travessa José Maurício a via pública que, nesta cidade, faz ligação das ruas Joaquim Ferreira Brito e Cataguases, a que tem o nome de Ranulfo Matola.” Por estas informações conclui-se que a mesma travessa recebeu três nomes diferentes.

José Maurício da Silva Coutinho era mestre de obras e construtor.

JOSÉ PAULINO DOS REIS, vila

(Quinta Residência) – A lei nº 1.722, de 21.02.85, de autoria do vereador Benedito Rubens Rennó Guedes, dá denominação de “Vila J. Paulino dos Reis” à logradouro público desta cidade. Esta vila tem início entre os números 621 e 627 da rua Antônio Fernandes Valentim.

José Paulino dos Reis nasceu em 1902 e faleceu em 1968. Foi panificador e funcionário da Fazenda Estadual. Era filho de Paulino José de Brito Reis e Maria de Jesus Reis. Casou-se com Sebastiana e tiveram três filhos.

JOSÉ PAULO BATISTA LUPATINI, DOUTOR, rua

(Nova Leopoldina) – Esta rua tem seu início na rua Dom Gerardo Ferreira Reis e finda na rua Aloísio Soares Fajardo. Seu nome surgiu com a lei nº 2.975, de 16.10.97.

Dr. José Paulo era médico, formado em 1976. Foi vereador e faleceu ainda jovem. Era filho de Ruth Batista e José Pedro Lupatini, proprietário do caminhão de leite que fazia a linha de Tebas para a Cooperativa, na década de 60.

Neto paterno de Giuseppe Pietro Lupatini e Maria Laecticia Campana. Seus bisavós procediam do comune de Castrezzato, provincia Brescia, região da Lombardia, Italia. Por Giuseppe era bisneto de Giovanni Lupatini e Maria Zanetti. Por Maria Laectcia era bisneto de Giovanni Primo Campana e Pasqua Angela Machina.

JOSÉ PEDRO, rua

(Joaquim Custódio Guimarães) – A lei nº 1996, de 15.09.88, dá denominação à via pública desta cidade que no mapa do loteamento Dr. Joaquim Guimarães, encontra-se identificada como rua B. Ela tem seu início na rua Cel. João Lau e finda na divisa do referido bairro.

José Pedro era servidor público municipal.

JOSÉ PERES, rua

(Centro) – Tem seu início na praça Félix Martins. Parte dela, a partir da praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda até o trevo da BR-116, na saída para Laranjal, é o antigo leito da rodovia Rio-Bahia.

Em “Leopoldina de Hoje e de Ontem”, Luiz Eugênio Botelho diz: “Entre uma das alas do Grupo Escolar (Ribeiro Junqueira) e o prédio da antiga residência do dr. Ribeiro Junqueira, onde começa a rua José Peres, foi batida em 1936, após a solenidade benção ministrada pelo padre José Domingues Gomes, a primeira estaca da construção do trecho Leopoldina-Muriaé, da estrada Rio-Bahia.”



Mário de Freitas, em “Leopoldina do Meu Tempo”, informa que José Peres era fazendeiro e fornecedor de madeira para a Estrada de Ferro Leopoldina.

O espanhol José Peres Alvarez deixou grande descendência. Um de seus filhos, Omar Resende Peres, foi comerciante e candidato a prefeito de Leopoldina. Outro, José Resende Peres, foi secretário de agricultura do estado do Rio de Janeiro.

JOSÉ PINTO DA SILVA, rua

(Vale do Sol) – Foi através da lei nº 3.319, de 06.11.2000, que esta rua recebeu a denominação atual. No mapa do loteamento do bairro ela encontrava-se identificada como rua C. Tem seu início na rua Luiz Capdeville Ribeiro e finda num barranco nela existente. José Pinto era motorista de táxi.

JOSÉ PIRES, praça

(Bela Vista) – É a praça que fica no início da avenida dos Expedicionários, junto ao viaduto da BR-116. Seu nome surgiu com a lei nº 2823, de 21.03.96.

JOSÉ POLICIANO DA SILVA, rua

(Popular) – A denominação desta rua ocorreu a partir da lei nº 3.334, de 19.12.2000. No mapa do loteamento do bairro Popular, que fica às margens da BR-116, esta rua encontra-se identificada como rua F.

José Policiano foi funcionário público municipal e era casado com Palmira Antônia da Silva. Era natural de Piacatuba e seus filhos Mirtes e Claudiomiro também prestaram serviço à prefeitura. Sua filha, Flauzina Policiano da Silva casou-se com Geraldo Manoel Alves em Argirita. Uma das suas netas é oficial do cartório de Argirita.

JOSÉ R. JUNQUEIRA, rua

(Chico Bastos) – Começa na rua José Arantes Junqueira.

JOSÉ RENÊ DO VALE, rua

(Fábrica) – Começa na rua Vinte e Sete de Abril. É o segundo beco da rua Vinte Sete de Abril no sentido da praça Zequinha Reis para o bairro de Fátima. Seu nome oficial aparece com a lei nº 2422, 13.08.92.

Renê era filho de João Rodrigues da Silva Vale e Odília Dutra e foi, durante muito tempo, taxista em Leopoldina.

JOSÉ RODRIGUES WERNECK, rua

(Pedro Brito Netto) – Esta rua começa na Luiz Torres Barcelos e finda na rua H. Recebeu denominação oficial pela lei nº3138, de 23.04.99

JOSÉ, SÃO, bairro, praça, rua e vila

Bairro – Ver referência a este bairro em Agostinho Silvino Teixeira de Rezende. São José era nome de uma granja que existia no local.

Praça - (Cemitério) – Diz a lei nº 97, de 18.02.50, que passa a denominar-se praça São José a praça formada pela confluência da rua Fajardo com a rua Boa Vista e estrada antiga de Cataguases, nesta cidade, atualmente denominada largo do Cemitério.

Rua - (Seminário) – Esta rua não consta no mapa da Prefeitura. Seu nome surgiu com a lei nº 466, de 27.03.1963, que “dá nome de rua São José à via sem nome que, partindo do Seminário, segue em direção de seus terrenos, passando pelas casas de propriedade de D. Amália Cortes, Osmar Paixão de Paula e outros.”

Quer nos parecer que a lei nº 898, de 15.05.1973, que “dá denominação de rua Professora Conceição Soares Monteiro de Castro à via pública que começa na esquina em que se encontra o Anexo do Colégio Estadual, no bairro do Seminário”, deu à mesma rua São José, um segundo nome.

Até porque a outra rua que poderia ter recebido o nome de São José, seria a Padre José Domingues Gomes, nominada pela lei nº 897, de 15.05.1973.

Ocorre que esta lei nº 897 diz que o nome do Padre será dado a uma “via pública que começa na praça indo em direção ao bairro Seminário”, o que é bem diferente de “partindo do Seminário”, conforme constou da lei nº 466 ou, “começa na esquina em que se encontra o Anexo”, como constou da lei nº 898.

Por estes fatos somos forçados a acreditar que o legislador não foi informado de que a citada via tinha o nome de rua São José, quando resolveu homenagear, merecidamente, a Professora Conceição.

Vila - (Praça da Bandeira) – Começa na avenida Humberto de Alencar Castelo Branco.

JOSÉ SILVA, rua

(Centro) – Liga a praça General Osório à praça Átila Lacerda da Cruz Machado, ao lado da praça Félix Martins. A lei nº 913, de 04.07.1973, é a que deu denominação de José Silva à via pública que, partindo da praça General Osório, segue paralela ao antigo leito da linha férrea e vai até o entroncamento com a rua Padre Júlio.”

Técnico em eletrônica, José Silva mantinha uma oficina e casa de comércio na rua que recebeu o seu nome.

JOSÉ SILVÉRIO DA SILVA, beco

(Pirineus) – Começa na rua Joaquim Furtado de Menezes.

José Silvério era bombeiro e funcionário público municipal.

JOSÉ SIQUEIRA DE CASTRO, rua

(Esteves) – Começa na rua Colatino Barbosa de Castro.

JOSÉ TEIXEIRA PIRES, rua

(Pirineus) – Tem seu início na rua Maçonaria e finda na praça Mário Malaquias. A lei nº 911, de 04.07.1973, deu denominação de rua José Teixeira Pires à via pública localizada no Alto dos Pirineus, onde se acham edificadas as Escolas Reunidas Coronel Luiz Salgado de Lima.

José Teixeira Pires era taxista e geralmente conhecido por “Pangaré”.

JOSÉ W. ARANTES JUNQUEIRA, rua

(Chico Bastos) – É a que parte da avenida Getúlio Vargas, nas proximidades dos terrenos de Antônio Zaquine e vai até o final do loteamento. Surgiu com a lei nº 1.514, de 06.08.81.

JOVENS GUILHERME, LUIZ CELSO E ÂNGELO, rua

(Centro) – Liga as ruas Presidente Carlos Luz à Olivier Fajardo.

Seu nome surgiu com a lei nº 945, de 17.10.1973 e homenageia três jovens que faleceram, em 08.09.1973, vítimas de um acidente automobilístico que comoveu boa parte dos leopoldinenses.

Guilherme Barbosa Côrte Real, nascido 11.04.1955 em Leopoldina, era filho de Aslia Barbosa e William Nogueira Corte Real, sendo neto materno de Emília Pires e Ilastimphilo Barbosa Netto e neto paterno de Hermínia Nogueira e Vital Cysneiros Côrte Real.

Luiz Celso Lenaco de Castro era filho de Sebastião de Castro e Ema Lenaco. Sebastião era filho de José Augusto Teixeira de Castro e Francisca Alminda de Almeida, ela descendente do mesmo Antonio de Almeida Ramos já citado.

Ângelo Pereira Gesualdi era filho de José Gesualdi e Eurídice Pereira, neto paterno de Miguel Gesualdi, também homenageado em logradouro.

JUAMIRO MOURA MENDONÇA, rua

(Centro) – Começa na rua Belizário Oliveira Silva e segue na direção da avenida Getúlio Vargas. Hoje, ainda é uma rua sem saída, que fica entre a rua Custódio Junqueira e o córrego Feijão Cru, nas proximidades do clube do Moinho.

Denominada através da lei nº 1.682, projeto de autoria do vereador Benedito Rubens Rennó Guedes, homenageia Juamiro Moura Mendonça, nascido em 14/07/1926, filho de Francisco Resende Mendonça e Cemira Moura Mendonça. Casou-se com Maria da Aparecida Barros Mendonça.

Juamiro trabalhou no ramo de hotelaria (Juamar Hotel), na rua José Silva, no centro da cidade.

JÚLIO BARBOSA, praça

(Joaquim Custódio Guimarães) - Diz a lei nº 2001, de 15.09.88, que passa a denominar-se praça Júlio Barbosa o logradouro público localizado entre as ruas Cel. João Lau, José Pedro e Paulo Sérgio Resende.

Júlio Barbosa descendia de família radicada em Piacatuba. Durante algum tempo possuiu uma chácara no local onde está a praça que recebeu seu nome. Segundo consta, foi o primeiro sitiante do lugar a ter luz elétrica em sua propriedade. Além da atividade rural foi, ainda, comerciante e construtor de imóveis. Era casado com dona Miralda Henriques, filha de tradicional família de São João Nepomuceno.

JÚLIO CARRARO, rua

(Jardim Bandeirantes) – Liga a rua Adauto Neto à João Malaquias. Seu nome atual surgiu com a lei nº 1182, de 13.05.77. No mapa do loteamento constava como rua C.

Filho dos italianos Emilio Carraro e Maria Farinazzo, nasceu em 1900 em Leopoldina e a 27.10.1923 casou-se com Arminda Fofano, filha de Pasquale Domenico Fofano e Olivia Meneghetti. Durante muitos anos foi agricultor e possuiu uma propriedade na localidade conhecida como Macucu, na saída para Laranjal.

JÚLIO, PADRE, rua

(Catedral) – Começa na praça Átila Lacerda da Cruz Machado e termina na praça Dom Helvécio. É a rua do Hospital (Casa de Caridade Leopoldinense). É uma homenagem ao padre Júlio (Giulio) Fiorentini, nascido no dia 24 de maio de 1850 e que veio para Leopoldina em 1896, aqui permanecendo até sua morte no dia 8 de maio de 1924.

Padre Júlio esteve à frente de diversas obras meritórias em Leopoldina. Junto ao padre Felix Poinso, inaugurou a Nova Escola em 1908, um instituto de estudos secundários dedicado à formação dos moços para trabalhos teóricos e práticos de agricultura, assim como para as Letras e para a carreira eclesiástica. Em 1922, por influência sua, foi fundado o Patronato para meninas carentes, instituição que só veio a ser inaugurada a 24 de maio de 1946, com o nome de Patronato Dona Lenita Junqueira.

A Gazeta de 13.03.1898 informa que em 06.03.1898 foi instalada a Comarca Eclesiástica de Leopoldina, criada pelo Bispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta, sendo pároco o padre Júlio Fiorentini.

Dos livros paroquiais de sua época, bem como das atas de visitação às paróquias dos distritos, observa-se que era muito exigente. Por ocasião da rejeição manifestada pelos paroquianos de Piacatuba a um padre que lhes dava assistência, o padre Júlio esteve no distrito e deixou suas observações bem explicadas no livro daquela Igreja.

JURANDIR TOLEDO, rua

(Serra Verde) – Era pecuarista, descendente de família muito ligada às atividades rurais do município. Foi proprietário das terras onde hoje desenvolve-se o bairro onde abriram esta rua.

JUSCELINO KUBITSCHECK DE OLIVEIRA, praça

(São Cristóvão) – Esta praça fica entre as ruas Nilo Colono dos Santos e José Eugênio Dutra. É a praça principal do bairro. Recebeu este nome por projeto dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Jair de Almeida Lacerda, que se transformou na lei nº 1.500, de 07.05.81.

Juscelino era natural de Diamantina (MG), onde nasceu em 1902. Trabalhou nos Correios e foi capitão médico da Polícia Militar Minas. Ingressou na vida política tendo exercido os cargos de prefeito de Belo Horizonte, deputado estadual e federal, governador do estado, senador e presidente da república. É o criador de Brasília e fez um governo voltado para o desenvolvimento do país. A ele se deve a construção das usinas hidrelétricas de Furnas e Três Marias. Foi cassado em 1964 e faleceu em desastre automobilístico na via Dutra (Rio-São Paulo).

JUVENAL CARNEIRO, rua

(Fábrica) – Liga a rua Vinte e Sete de Abril à rua Manoel Lobato.

A lei nº 484, de 26.07.1963, deu denominação de rua Juvenal Carneiro à via que partindo da rua Vinte e Sete de Abril, em frente ao escritório da Cia Fiação e Tecidos Leopoldinense, segue na direção da rua Manoel Lobato, onde vai terminar, atravessando o córrego Feijão Crú.

Segundo Luiz Eugênio Botelho, em “Leopoldina de Hoje e de Ontem”, Juvenal Carneiro nasceu em São José do Rio Preto (MG), 15.04.1871 e faleceu, no Rio de Janeiro (RJ) em 14.10.1931, deixando viúva D. Honorina Antunes Vieira e dez filhos que tem seus nomes iniciados por letras que formam “Minas Geraes” (Moacir, Irecê, Nahumá, Araci, Suiquire, Guaraci, Erimá, Rudá, Apalaís, Erundi e o caçula de quem não temos o nome).

Juvenal era filho de Antonio Teodoro de Sousa Carneiro e (Amanda Malvina de Andrade) Amanda Andrade Carneiro, conforme a “Genealogia dos Resendes”, de Oswaldo de Rezende. Teve sete irmãos, todos nascidos em Leopoldina: Antonio (1877), Teolinda (1880), Flausina (1881), Gabriel (1882), Ubaldina (1884), Maria das Mercês (1886) e Amanda (1887). Seu pai foi suplente de vereador em 1881, proprietário do Hotel Carneiro, existente na rua Primeiro de Março em Leopoldina, por volta de 1885 e em 1887 realizou negócios em Itapirussu.

O professor Juvenal Carneiro residiu em Leopoldina durante muitos anos onde se tornou figura de destaque. Trabalhou durante quinze anos na Casa Bancária Ribeiro Junqueira depois, Banco Ribeiro Junqueira, exercendo a função de contador. Fundou e dirigiu, na cidade, o Curso Comercial Afonso Vizeu e publicou algumas obras nas áreas comercial e contábil. Transferiu-se para o Rio de Janeiro onde lecionou no Instituto Lafayette.

Casou-se com Honorina Antunes Vieira a 22.02.1896 em Leopoldina. Ela era natural de Muriaé, filha de Honório Antunes Pereira e Maria Albina Vieira de Rezende.

SUMÁRIO